

O NOSSO SEMINÁRIO



SEMINÁRIO DIOCESANO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

DIRETOR: PADRE RUI CARRIÇO | FEVEREIRO 2021 | VOL. 3 | DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



Aconteceu na vida do Seminário | Pág. 2

Retiro anual dos Seminaristas | Pág. 2

Obras no Seminário | Pág. 3

Estudo/Reflexão | Pág. 3

Quaresma, preparação da Páscoa | Pág. 3

A Eclesiologia de Apríngio pacense | Pág. 5

Aurora de um ressurgir | Pág. 6

Ano Jubilar dedicado a S. José | Pág. 8

Editorial

Tendo por base as palavras do Senhor, "Vamos subir a Jerusalém..." (Mt 20, 18), o Papa Francisco escreveu a toda a Igreja a tradicional mensagem para a Quaresma deste ano, na qual a esperança, à luz da fé e da caridade, é várias vezes invocada.

De facto, temos estado a viver um longo tempo de constante provação, relacionado com a pandemia do Covid-19. O mundo assiste, quase impotente, a uma situação de

contínuos sobressaltos, de sofrimento e de morte, com inúmeros custos para a vida da sociedade, algo que não seria de imaginar, depois de um grande progresso da ciência e da técnica.

Nós, cristãos, que somos chamados a “subir a Jerusalém” para celebrar a Páscoa, podemos encarar esta situação à luz da História da Salvação, de acordo com a Escritura. Segundo o Cardeal Kurt Koch, Presidente do Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, “A pandemia fez-nos voltar, de maneira nova, ao tempo do deserto, um tempo em que estamos a ter as mesmas reações do povo de Israel. Mas temos também de recordar que, a seguir, Israel, com um olhar retrospectivo, entendeu os quarenta anos da sua errância pelo deserto como o tempo do primeiro amor de Deus por Israel, e de Israel por Deus. Hoje, analogamente, o tempo da crise da pandemia pode tornar-se ‘um tempo de conversão’” (*L'Osservatore Romano*, 13.02.2021).

“Cada etapa da vida é um tempo para crer, esperar e amar”, diz o Santo Padre (nº 3). Agora é tempo para “acolher e viver a Verdade manifestada em Cristo... [e] deixar-se alcançar pela Palavra de Deus” (nº 1); ter esperança e “dirigir o nosso olhar para a paciência de Deus, que continua a cuidar da sua Criação”; reconciliar-se “recebendo o perdão no Sacramento que está no centro do nosso processo de conversão” e ser testemunha de um tempo novo (nº 2). Este tempo novo manifesta-se especialmente na caridade “que nos faz sair de nós mesmos gerando...partilha e comunhão” (nº 3).

“Subir a Jerusalém” é atravessar os vales tenebrosos da morte (Sl 22, 4), na certeza de que com Cristo havemos de tomar parte na glória da ressurreição.

Santa caminhada!

P. Rui Carriço

ACONTECEU NA VIDA DO SEMINÁRIO

Retiro anual de Seminaristas em Beja

No dia 2 de fevereiro, depois de termos celebrado a festa anual da padroeira do Seminário Maior de Évora, Nossa Senhora da Purificação, demos início ao retiro anual, este ano ocorrido em Beja, no Seminário de Nossa Senhora de Fátima. Neste retiro contou com a presença do reitor e do diretor espiritual e, neste ano, associaram-se, também, os seminaristas do Seminário Redemptoris Mater. Foi pregador o Pe. Filipe Santos, diretor espiritual do Seminário de Caparide, do Patriarcado de Lisboa. Estes dias de recolção realizaram-se entre 2 e 7 de fevereiro.

Os exercícios espirituais começavam com as Laudes. Após a primeira meditação tínhamos sempre um momento de oração pessoal que, na parte da manhã, culminava com a Eucaristia. A segunda parte do dia envolvia uma segunda meditação, acompanhada de oração pessoal, terminando com a adoração eucarística e as Vésperas. Depois do jantar tivemos diferentes momentos, que variaram consoante o dia: recitação do terço, via-sacra, celebração penitencial e partilha sobre o que significou para cada um este retiro.

No almoço que finalizou o retiro, felicitamos um seminarista que durante o tempo de silêncio completou mais um aniversário



natalício e, antes de regressarmos a Évora, tivemos oportunidade de visitar o museu do Seminário.

Um retiro é sempre uma “subida ao monte”, um momento de deserto, propício para um diálogo mais demorado e intenso com o Senhor, é sempre um retemperar forças para depois recomeçar o caminho habitual. Por isso somos agradecidos a Deus por esta oportunidade e a todos os que possibilitaram a realização do mesmo.

Obras no Seminário

Dada a situação sanitária em que toda a sociedade se encontra, ultimamente não tem sido possível uma presença do Seminário junto das comunidades paroquiais como era do nosso desejo. Assim, desde o início deste ano, temos dedicado muito do nosso tempo a cuidar da área que foi construída há cerca de 25 anos, conhecida como o Pavilhão Novo e que tem estado a receber obras de restauro: requalificação de quartos, casas de banho, corredores, salas e capela. Algum mobiliário, imagens e tecidos têm sido, igualmente, objeto de restauro.

No trabalho da reorganização e decoração dos espaços não temos estado sozinhos, pois temos vindo a contar com a presença de um grupo de amigos do Seminário que, com a sua ajuda voluntária, nos tem apoiado. O Seminário mostra-se, portanto, agradecido pela dedicação e contributo que tem recebido ao longo de várias semanas.

Deixamos duas fotografias que mostram o que aqui fica dito.



Estudo / Reflexão

Quaresma, preparação da Páscoa

Na anterior edição do jornal *O Nosso Seminário* apresentámos o Natal do Senhor numa espécie de tríptico, composto por três momentos que formam uma unidade: Advento, Nascimento e Epifania.

Aproximamo-nos agora da celebração da Páscoa do Senhor que, do ponto de vista teológico e histórico, é o centro do Ano

Litúrgico. Ao referirmo-nos à sua celebração anual podemos, de igual forma, ver na celebração pascal uma certa semelhança com o ciclo do Natal, porque também é composta por três momentos, ou seja, por uma espécie de tríptico: Quaresma, Tríduo Pascal e Tempo Pascal. Aliás, tudo indica que foi neste modelo pascal que a Igreja

encontrou a sua fonte de inspiração em relação ao Natal.

Estamos à beira de iniciar a primeira parte deste tríptico, ou seja, de começar os quarenta dias de preparação para Páscoa, vamos deter-nos em dois breves aspectos: a sua origem e a importância da Palavra da Escritura.

➤ **Origens da Quaresma**

Nos primeiros tempos da Igreja só havia um jejum de dois/três dias, que terminava com a celebração da Vigília Pascal. Do final do séc. III, princípio do IV, chega-nos o testemunho de Eusébio, bispo de Cesareia (Palestina), dizendo que no Egito se observava um período de preparação da Páscoa que envolvia quarenta dias. Este costume estaria relacionado com a vida dos eremitas que, em grande número, habitavam no deserto.

No ano 334, Santo Atanásio, bispo de Alexandria, na sua Sexta Carta Pascal, refere-se a este costume e relaciona a Quaresma com a Páscoa, falando da primeira como um tempo de purificação, instrução e jejum. Tudo indica que a Quaresma fosse vista como uma imitação da oração e do jejum de Cristo no deserto, descrito pelos evangelhos (Mt 4, 1-2; Mc 1, 12-13; Lc 4, 1-2).

Os anos que medeiam entre o sécs. IV e VIII foram muito marcados por uma Quaresma de forte carácter baptismal, manifestada nos ritos catecumenais e na escolha das leituras bíblicas; são considerados, por isso, um tempo de ouro na Liturgia. No entanto, com a progressiva entrada em desuso do baptismo de adultos, a Quaresma adquiriu uma outra feição sem que, no entanto, tenha perdido totalmente a sua inspiração baptismal. Entrou-se, então, num tempo fértil no que toca ao campo da piedade litúrgica, que perdurou até aos nossos dias. A reforma litúrgica, fruto do Concílio Vaticano II, veio simplificar este tempo através duma purificação, evidenciando o seu carácter de conversão em ordem à Páscoa.

➤ **A Quaresma e a Palavra de Deus**

As *Normas Universais para o Ano Litúrgico* no nº 27 apresentam-nos a Quaresma como tempo de preparação tanto para os catecúmenos como para os fiéis a caminho da Páscoa, centro de toda a vida cristã. São, portanto, quarenta dias que envolvem toda a Igreja. No caso dos catecúmenos, a sua preparação consiste na vivência dos diversos graus da iniciação cristã, tendo por base o RICA (Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos) em ordem a receber o Baptismo, o Crisma e a Eucaristia na Páscoa. Quanto aos fiéis, àqueles que são baptizados, a sua preparação consiste numa memória e num reavivar da graça baptismal através das práticas da penitência.

Particularmente importante é a proclamação e a escuta da Palavra de Deus durante a Quaresma. Na verdade, não pode haver uma verdadeira caminhada espiritual de conversão para catecúmenos e baptizados que não tenha na Escritura a sua raiz. "A

Palavra de Deus é a árvore da vida, que de todos os lados oferece um fruto bendito, como a rocha que se abriu no deserto, jorrando de todos os lados uma bebida espiritual..." (Santo Éfrem, *Comentário sobre o Diatésseron* in Liturgia das Horas, VI Domingo Comum).

Ao acompanharmos a sua leitura diária no Leccionário dominical, ferial ou na Liturgia das Horas, damos-nos conta de que esta Palavra foi cuidadosamente preparada para estes dias de preparação para a Páscoa. Vejamos o caso dos domingos do corrente Ano B.



1º Domingo

Entramos no desenrolar da História da salvação. Aqui se torna presente a aliança de Deus com Noé (Gn 9, 8-15) após o dilúvio com que foi purificada a terra. Esta aliança é um começo de muitas alianças, que terá o seu cume na nova e eterna aliança celebrada em Cristo. Na linguagem de 1Pe 3, 18-22 sublinha-se a tipologia baptismal do dilúvio, enquanto o Evangelho oferece a versão de Marcos (1, 12-15) sobre as tentações de Jesus.

2º Domingo

Após a aliança de Deus com Noé, surge neste domingo a aliança com Abraão, depois dele ter sido provado na obediência com o sacrifício de Isaac (Gn 2, 1-2.9ª.15-18). Em contraste, o Apóstolo Paulo fala-nos do oferecimento que Deus fez de Seu Filho, a Quem não poupou à morte por todos nós (Rom 8, 31b-34). O Evangelho, por seu lado, apresenta-nos a transfiguração do Senhor, que o Pai introduz, dizendo: "Este é o meu Filho muito amado: escutai-O".

3º Domingo

Depois da aliança com Abraão, surge a aliança com Moisés e o dom da Lei (Ex 20, 1-17). O Apóstolo Paulo faz surgir diante de nós Jesus Cristo crucificado poder e sabedoria de Deus (1Cor 1, 22-25), templo vivo de Deus, na linguagem do próprio Evangelho segundo João, que, depois de destruído, será novamente edificado (Jo 3, 14-21).

4º Domingo

A transgressão da aliança e o desterro de Babilónia estão no centro da leitura de 2Cron

36, 14-23. Por seu lado, o Apóstolo Paulo diz-nos que, embora mortos pelo pecado, por dom gratuito de Deus recebemos o dom da vida (Ef 2, 4-11). Jo 3, 14-21 revela-nos Cristo, enviado pelo Pai, fonte da vida que veio para nos salvar e que foi exaltado sobre o madeiro da cruz.

5º Domingo

A promessa de uma nova aliança, o perdão dos pecados e o dom do Espírito, está no centro da leitura de Jer. 31, 31-34. Esta aliança realiza-se na pessoa de Jesus, orante e obediente (Hebr 5, 7-8). Na linguagem do Evangelho, é Ele o grão de trigo que morre para nascer o fruto, a Igreja (Jo 12, 20-33).

Em conclusão, as leituras que nos são oferecidas nos domingos da Quaresma, quando observadas de perto, revelam-se cristológicas e pascaís, a caminho da glória. Em tempo de preparação – primeira parte do tríptico - a Palavra torna presente a Páscoa do Senhor e do Seu povo.

P. Rui Carriço

A Eclesiologia de Apríngio pacense

Procurou-se no número anterior de "O nosso Seminário" apresentar, sucintamente, a vida e a obra de Apríngio de Beja, nosso primeiro bispo conhecido. Uma das bandeiras do santo bispo parece ter sido o combate às heresias que grassavam no território diocesano: arianismo, pelagianismo, priscilianismo, ... Iremos centrar-nos hoje no priscilianismo, dado o considerável desvio eclesiológico que tal heresia provocou. Se Apríngio teve de lutar contra a condenada, mas não erradicada, heresia priscilianista, não podemos afirmar taxativamente. Porém, é interessante o amplo espaço que o santo

bispo pacense dedica à eclesiologia (quiça por a encontrar maculada...). Efetivamente, trata com esmero a união mística de Cristo com a Igreja, a universalidade da Igreja, a catolicidade e santidade da mesma, a graça dada a todos os homens para os conduzir à Igreja, o primado do Apóstolo Pedro e de seus Sucessores e a "firmeza da fé" como um dom de Deus em ordem à *Ecclesia*. Assim escreve Apríngio:



Todo o estado da nossa fé e a dignidade da Igreja Católica não devem atribuir-se aos méritos da natureza humana, mas à vontade de Deus e ao dom de Deus. (...) O canto dos batizados não é senão a doutrina celeste, a pregação do Evangelho, o progresso da religião cristã ou, então, a confissão harmoniosa da Igreja Católica. Pérgamo significa "ao que divide o

poder deles'', isto é, as insolências das potências aéreas, a presunção dos heréticos, a arrogância dos poderosos que, segundo o Apóstolo, levam à separação e divisão da comunidade da Igreja (...) Após a recepção do sol da justiça e da iluminação divina, após a ornamentação da beleza celeste e aderindo justamente ao Senhor, a Igreja firma-se na observância inviolável da devoção (...) no sacramento celeste do mistério e nos sete nomes escolhidos se contém a Igreja de todos os povos, de modo a tornar manifestos o número místico e a unidade de toda a Igreja.

Apríngio vigorosamente postula a confissão harmoniosa da Igreja Católica expressa na doutrina celeste, na pregação do Evangelho e no progresso da religião cristã, ou seja, a *lex credendi* é a *lex orandi* e, por consequência, a *lex vivendi* da Igreja e aquilo que a Igreja crê não depende da vontade de cada um, mas da doutrina celeste, pois a Revelação é de origem divina.

Para além disso, Prisciliano impôs que a Igreja retornasse à preferência pelos pobres. Obviamente, Apríngio não nega tal asserção, nem sequer a comenta, mas defende o caráter divino da Igreja, isto é, a dignidade de que a Igreja goza é vontade e dom de Deus. A sua eclesiologia é aquela revelada na Escritura e apresentada pela Tradição viva da Igreja, não a deste ou daquele. Se a Igreja é vontade e dom de Deus, não depende dos gostos ou opiniões humanas. A Igreja é, de certa forma, preexistente, ou seja, já existia antes de surgir do lado de Cristo na cruz.

Para o bispo pacense uma coisa ressalta em relação à Igreja: a unidade. A divisão, o afastamento da comunidade mãe, as reuniões noturnas campestres e fora do templo (peculiares ao priscilianismo), afastados da comunidade, são seguramente obra da presunção dos heréticos, da arrogância dos poderosos que, segundo o Apóstolo, levam à separação e divisão da comunidade da Igreja.

Pe. Paulo Reis Godinho

Aurora de um ressurgir

Foi um clarão de esperança que brilhou na noite da história da vetusta Pax Julia, a nomeação de D. José do Patrocínio Dias, para Bispo de Beja, ocorrido a 16 de dezembro de 1920. Foi há um século, que Bento XV, pela Bula *Commissum Humilitati Nostrae*, no consistório na data supra, nomeou D. José do Patrocínio Bispo desta Diocese mal amada, esquecida pelos poderes públicos, vítima da erosão do tempo, enfraquecida pela maldade de uns e traição de outros. Sem Bispo desde 1910, pela fuga de D. Sebastião Leite de Vasconcelos, ameaçado de morte certa, ficou entregue à lei da selva, sem Pastor que a defendesse, sem vida que a alimentasse, sem esperança que a guiasse nas horas de tormenta. O terreno da Diocese de Beja, pelas circunstâncias sociais, políticas e revolucionárias, foi terra fértil para aqui se implantarem, com toda a pujança, as ideias republicanas, maçónicas, jacobinas e anti-clericais, assumidas por grupos violentos e militantes. Para estas forças, um Bispo em

Beja, seria a suprema humilhação, “um retrocesso civilizacional”, a negação do progresso por eles entendido. Um Bispo na cidade seria incompatível com Beja republicana e liberal. Este evento, há cem anos, foi um novo madrugado. Uma estrela de esperança e vida nova começou a brilhar para a Diocese de Beja.

O P. dr. Patrocínio Dias voltou da França em maio de 1919, cheio fama e prestígio. Em momentos difíceis no campo da batalha, correu riscos, salvou vidas, ungiu moribundos, enterrou mortos. Vê tombar na batalha de la Lyz 7.500 soldados portugueses. Numa pequena mala, traz uma bandeira portuguesa ensanguentada pelo sangue português derramado em terras de França. Ao regressar cheio de glória e prestígio, recebe calorosas homenagens, tanto da área militar, como civil e governamental. O P. Patrocínio Dias regressa à cidade das neves e das alturas, a Guarda, cheio de força para enfrentar outras batalhas, desafios e combates. Dado o prestígio alcançado, e

como estão vagas as dioceses de Beja e Portalegre, correm rumores que uma das mitras possa vir a ser atribuída ao Chefe dos Capelães da 1ª grande guerra. Um dia recebe uma carta da Nunciatura Apostólica de Lisboa, com o pedido de informações sobre o seu companheiro de apostolado, o Cónego Mendes da Conceição Santos, escolhido para ascender ao episcopado. Em maio de 1920 vai a Roma assistir à canonização da confidente de Paray-le-Monial Santa Margarida Maria. Chefia a peregrinação o recém-Bispo de Portalegre, Conceição Santos. Na audiência privada que Bento XV concedeu à peregrinação portuguesa, houve dois factos que chamaram a atenção dos presentes. O Papa anuncia que D. Manuel da Conceição Santos é transferido de Portalegre para Évora, coadjutor de D. Augusto Eduardo Nunes, com direito de sucessão. No final, o Papa fica a sós com o Cónego Patrocínio Dias. Todos os presentes concluíram que estavam em presença do futuro Bispo de Portalegre.

Em princípio de novembro, estando a pregar um retiro espiritual no Fundão, recebe uma carta da Nunciatura de Lisboa, que o deixa inquieto. A carta dizia, "*Sob secreto pontifício*", que a Santa Sé o havia nomeado bispo de Portalegre. No dia seguinte, certificando-se que na Guarda o facto era desconhecido, vai a Lisboa para convencer o Núncio que o dispensasse de tarefa tão dura e difícil. O Núncio confirma a nomeação, por ser a vontade expressa do Papa. Na mesma altura é nomeado bispo de Beja D. Domingos Frutuoso. Mas antes de tornar pública a notícia, a Santa Sé resolve

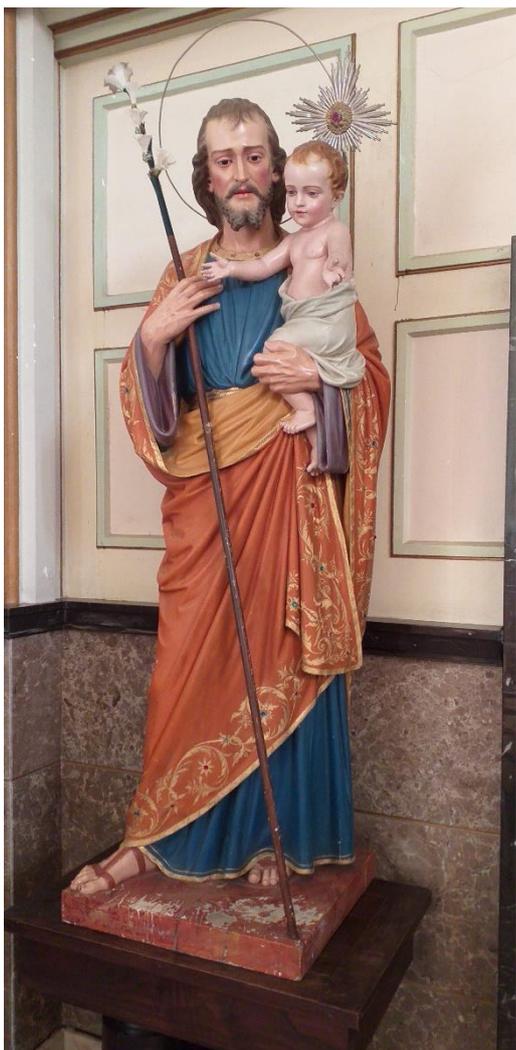


consultar o governo sobre a justeza das nomeações. O então ministro dos Estrangeiros Dr. Vasco Borges disse que nada tinha a objetar às pessoas escolhidas, pela Santa Sé, simplesmente deviam ser trocadas as dioceses. Patrocínio Dias para Beja e Domingos Frutuoso para Portalegre. Na verdade, Domingos Frutuoso havia sido capelão da casa real e preceptor de suas altezas os príncipes, o que era um cartão nada recomendável para o ambiente hostil e liberal de Beja. A vetusta Pax Júlia, pela movimentação e tomadas de posição das forças hostis à Igreja, no propósito confesso de não tolerarem um bispo dentro dos seus muros, precisava de um prelado, com fama e prestígio, um herói nacional, aplaudido por

militares e apoiado pelo governo da Nação. O secreto bispo de Portalegre, a 29 de novembro, recebe uma carta da Nunciatura de Lisboa a comunicar-lhe que o Santo Padre se havia dignado nomeá-lo bispo de Beja, felicitando-o "*por tão inequívoco testemunho da soberana benevolência de Sua Santidade*". D. Domingos Frutuoso é nomeado bispo de Portalegre a 7 de dezembro de 1920 e D. José do Patrocínio Dias, no consistório de 16 do mesmo mês e ano. Foi o princípio de um novo madrugar, que encheu de confiança e esperança profética, todos quantos nestas terras de barros sedentos, mas

promissores, esperavam a bênção de um Bispo, que os guiasse nos caminhos do Evangelho. (Fonte: C.J.Gonçalves Serpa, D. José do Patrocínio Dias, União Gráfica, Lisboa, 1958, 239-249; Luis Miguel Taborda Fernandes, Dom José d Patrocínio Dias, Tenaritas, Coimbra, março de 2016, 126-140).

Cón. António Aparício



O homem dos riscos

“São José, um homem ‘comprometido’ como se diz agora, por Maria, a eleita entre todas as mulheres da terra e da história, sempre sua virgem esposa, também fisicamente sua mulher, e por Jesus, em virtude da descendência legal, não natural, sua prole. A ele, os pesos, as responsabilidades, os riscos, as preocupações da pequena e singular sagrada família. A ele o serviço, a ele o trabalho, a ele o sacrifício, na penumbra do quadro evangélico, no qual nos agrada contemplá-lo, e certamente, sem dúvida, agora que tudo conhecemos, chamá-lo feliz, bem-aventurado. Isso é Evangelho. Nele os valores da existência humana assumem medidas diferentes daquela que somos acostumados a apreciar: aqui o que é pequeno torna-se grande” (Paulo VI, Homilia de 19 de março de 1969).

Imagem de S. José que se venera na capela de N^ª S^ª de Fátima (capela grande), no Seminário de Beja. Escultura em madeira, obra de José Ferreira Thedim, Coronado, Sto Tirso, 1930.

SEMINÁRIO DIOCESANO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

R. Dom Afonso Henriques, 1 – A 7800-049

Beja

Telefone: 284 311 250

Email: reitor.seminariodebeja@gmail.com

Facebook: Seminário Nossa Senhora de Fátima – Beja